

# Os recursos digitais como base de uma experiência de ensino-aprendizagem nos estudos medievais sob a forma de ensaio

Digital resources as the basis of a teaching-learning experience in medieval studies in an essay format

Paula Pinto Costa 

Universidade do Porto, Portugal.

E-mail: ppinto@letras.up.pt

## Resumo

A vulgarização da acessibilidade à internet modificou, há muito tempo, o trabalho e a atividade do historiador, tanto ao nível da investigação e da divulgação do conhecimento, como ao nível do processo de ensino-aprendizagem. O inquestionável interesse das designadas humanidades digitais impele-nos para o debate do que se afigura como um novo paradigma também para os medievalistas. A exposição às humanidades digitais constitui um desafio transformador e que pode ter influência ao nível mais profundo da produção historiográfica. Tendo em conta estes pressupostos, propomo-nos fazer neste ensaio uma reflexão em torno da relevância dos recursos digitais como condição para a investigação e para a produção de conhecimento na área dos estudos medievais.

## Palavras-chave

Humanidades digitais, Recursos de investigação, Ensino-aprendizagem, Idade Média.

### Editores-chefes

Marcus Dores  
Célia Lopes

### Editores convidados

Ana Pereira Ferreira  
Leonor Dias Garcia  
Ofélia Sequeira

### Dossiê

Paleografia e  
Diplomática na senda  
das Humanidades  
Digitais: caminhos  
e propostas

### Como citar:

COSTA, Paula Pinto. Os recursos digitais como base de uma experiência de ensino-aprendizagem nos estudos medievais sob a forma de ensaio. Revista LaborHistórico, v.10, n.1, e63286, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i1.63286>

## Abstract

The popularization of internet accessibility has modified, since a long time, the work and the activity of the historian, both in terms of research, knowledge dissemination, and teaching-learning process. The unquestionable interest of the so-called digital humanities urges us to the debate on what appears as a new paradigm also for medievalists. The exposure to the digital humanities constitutes a transformative challenge significant at the deepest level of historiographic production. Taking these assumptions into account, this essay is supposed to give a reflection on the relevance of the digital resources as a condition for the research and the knowledge production in the area of medieval studies.

## Keywords

Digital humanities, Research resources, Teaching-learning, Middle Ages.

## Introdução

A vulgarização da acessibilidade à internet modificou, há muito tempo, o trabalho e a atividade do historiador, tanto ao nível da investigação como ao nível da divulgação do conhecimento nas suas vertentes académica e social. E, de um modo inevitável, o ensino universitário não pode deixar de refletir esta situação. A bibliografia que explora a relação da história com o digital é abundante e traduz a rápida evolução por que tem passado este domínio, desde que começou por balizar os primeiros contactos mais sistemáticos com a computação, a exemplo do significativo contributo dado pela American Association for History and Computing, fundada em 1987<sup>1</sup>, até que contempla uma mais profunda imersão no mundo digital característica do nosso mundo atual.

Entre o acesso incipiente à internet no universo universitário, realidade que remonta aos anos 80 do séc. XX, e a dependência do digital, no sentido mais amplo e profundo que hoje lhe atribuímos, assistimos a uma transformação ímpar do mundo das ciências sociais e humanas. Esta transformação foi um dos fatores que afetou o campo de atuação do historiador, nomeadamente, a forma como exerce a sua atividade e o modo como a sociedade reconhece a pertinência desse desempenho, embora continue a ser questionado o lugar da história entre as ciências e a relevância da sua utilidade imediata.

Nestas circunstâncias, as designadas humanidades digitais emergiram, foram cunhadas e ganharam um protagonismo que tem sido colocado em evidência sobretudo

---

<sup>1</sup> Esta associação contou com uma revista específica sobre estas temáticas: *Journal of the Association for History and Computing*, editada entre 1998 e 2010. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/j/jahc/>

nos últimos 20 anos, tornando-se um campo de reflexão de inegável interesse. O seu contributo é imprescindível, em particular, no que toca à definição dos objetos de estudo, ao aprofundamento das questões metodológicas e epistemológicas e à discussão do estatuto da história no contexto das ciências sociais e humanas. Também nos domínios mais práticos de aplicação do conhecimento e da sua divulgação destaca-se o valor desta dimensão do trabalho do historiador. Nesta perspetiva, a diversidade de domínios de reflexão e de campos de aplicação das humanidades digitais é enorme e convoca-nos a todos. Distanciamo-nos do tempo em que com hesitação assistíamos ao aparecimento progressivo de iniciativas nestes domínios<sup>2</sup> e que geraram atitudes contraditórias, assumidas, por um lado, por céticos que manteriam todas as reservas em relação à adesão ao digital, e por outro, por entusiastas que de imediato responderam ao repto que se colocava.

O inquestionável interesse das designadas humanidades digitais impele-nos para o debate do que se afigura como um novo paradigma também para os medievalistas. O impacto desta mutação é cada vez mais evidente, tornando indispensável a sensibilização e a educação, no seu sentido formativo mais abrangente, dos estudantes para este domínio em expansão e em transformação contínua. É precisamente aqui que assenta a razão que preside à oferta de uma unidade curricular de Recursos para o Estudo da Idade Média no Mestrado em Estudos Medievais, na sequência do seu funcionamento já no curso que antecedeu este mestrado, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desde há já mais de 20 anos, pretexto para a produção deste ensaio em torno dos recursos digitais como condição de investigação e de produção de conhecimento enquanto base de uma experiência de ensino-aprendizagem na referida área de estudos. A temática é interpeladora e justifica a sua escolha como alvo de atenção na formação de estudantes, à semelhança do que se passa em muitas outras universidades.

Os domínios de incidência do digital são muito diversos. A exposição às humanidades digitais tem constituído um desafio transformador e que pode ter significado ao nível mais profundo da produção historiográfica. O mundo anglo-saxónico, e em particular os EUA<sup>3</sup>, tem a primazia no que toca às atividades que relacionam a história com o digital. França e Itália são bons exemplos de adesão precoce a este novo mundo. Em ambos, é possível recordar iniciativas pioneiras relacionadas com a Idade Média. Entre elas, a revista francesa *Le Médiéviste et l'ordinateur*, editada entre 1979 e 2003<sup>4</sup>, e a atividade do Polo Informatico Medievistico, da Università degli Studi di Firenze, criado no final do séc. XX, são sinais da crescente utilidade da

---

<sup>2</sup> MINUTI, Rolando (2001). Internet e il mestiere di storico. Riflessioni sulle incertezze di una mutazione. *Cromohs*, 6, p. 1-75.

<sup>3</sup> Sobretudo a partir de iniciativas como a fundação da já referida American Association for History and Computing.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.persee.fr/collection/medio/>. Veja-se, também, DOUEIHI, Milad (2012). *Pour un humanisme numérique*, Publinet.

internet para a investigação histórica. Em paralelo, um grupo de peritos provenientes de praticamente toda a Europa, e no qual tive assento, colaborou no sentido de partilhar trabalho e instrumentos de pesquisa ao abrigo de uma COST Action dedicada a Medieval Europe – Medieval Cultures and Technological Resources<sup>5</sup>. Foram anos de aprendizagem intensa e que se traduziram na sensibilização dos estudantes para o investimento nestas matérias.

A experiência de ensino-aprendizagem que serve de mote a este ensaio tem-se revelado muito estimulante. Baseia-se na identificação de diretórios, de portais especializados, de núcleos documentais medievais disponíveis *online*, manuscritos ou já editados, e das instituições responsáveis pelos mesmos, bem como na identificação de recursos bibliográficos, acessíveis em texto integral ou não, iconográficos, cartográficos, entre outros, essenciais à investigação em história medieval. Na verdade, a inserção criteriosa destes recursos na produção de trabalhos académicos e científicos é indispensável. O espectro dos recursos é amplo e divide-se entre textos, documentos, objetos, imagens e reconstituições várias, incluindo de ambientes e de vivências, que procuram a aproximação com o passado. Com objetivos semelhantes aos que norteiam a referida unidade curricular têm sido produzidos alguns manuais de orientação com bastante interesse em outras instituições universitárias<sup>6</sup>, embora este texto não tenha o propósito de constituir a base de um guião desse género.

Os estudantes são convidados a escolher um tema e, a partir dele, a elaborar uma investigação que lhes permita ter perceção dos materiais disponíveis na internet (que é, no limite, o maior *arquivo* do mundo, mas também o mais desorganizado e instável) com relevância para a investigação pós-graduada em história medieval. Esta pesquisa pressupõe um exercício de planificação prévia, de modo a evitar-se o lado furtivo da mesma. À medida que vai tendo lugar a identificação dos recursos digitais, impõe-se a ponderação do grau de fiabilidade da informação e de exploração da complementaridade dos resultados obtidos com os materiais essenciais à investigação e que não são, pelo menos por agora, acessíveis através do meio digital.

A investigação com base no digital, ao nível da recolha de dados (e não tanto ainda ao nível da organização dos dados, domínio em que os repositórios científicos são essenciais), pauta-se por algumas singularidades, embora haja procedimentos de análise que se mantêm inalterados e que sobrevivem à transformação digital que estamos a viver. As bases de dados bibliográficas, sejam elas apenas de identificação e de referência e/ou de disponibilização de texto integral, são indiscutíveis instrumentos facilitadores do acesso ao conhecimento, proporcionando uma pesquisa rápida, eficaz

---

<sup>5</sup> Esta COST Action IS1005 foi coordenada por Agostino Paravicini Bagliani e executada no quadro da Società Internazionale per lo Studio del Medio Evo Latino – SISMEI, entre 2011 e 2015.

<sup>6</sup> Como, por exemplo, os levados a cabo por FERNÁNDEZ IZQUIERDO, Francisco (2006). Investigar, escribir y enseñar historia en la era de Internet. Presentación. *Hispania. Revista Española de Historia*, vol. LXVI, nº 222, enero-abril, p. 11-30; e por GARDINER, Eileen; MUSTO, Ronald G. (2015). *The Digital Humanities: A Primer for Students and Scholars*. Cambridge: Cambridge University Press.

e orientada por parâmetros bem definidos compatíveis com padrões de qualidade elevada dos resultados obtidos. O aparecimento das bibliotecas virtuais implicou uma alteração radical na divulgação da investigação e do conhecimento. A estratégia de difusão massiva dos trabalhos, sobretudo através de repositórios universitários, especialmente importantes para dissertações e teses, e de portais e catálogos de editoras comerciais, é em si um suporte fundamental à prossecução da investigação.

Porém, a par deste esforço, o aumento progressivo da adesão ao digital foi acompanhado pela proliferação de edições que escapam aos critérios de qualidade típicos do mundo da investigação científica e que circulam na internet à margem destes filtros académicos; assim como da publicação de algumas transcrições de documentos que não incluem a identificação do autor do trabalho, nem os critérios que orientaram a edição. A produção de conteúdos de qualidade e o respeito pela conduta ética das abordagens, em que o rigor tanto na identificação do que se disponibiliza em suporte digital (desde os autores às fontes de informação, passando pelas datas de disponibilização ou de atualização dos dados), como no modo como se utiliza e reutiliza a informação, têm de ser cada vez mais uma exigência entre os peritos destas áreas científicas. A preservação da informação, a qualidade dos conteúdos, a sua classificação e avaliação devem ser prioritários e constituem desafios inquestionáveis para todos os investigadores.

Num patamar diferente coloca-se a questão do acesso às fontes primárias, as quais não se esgotam na documentação arquivística. A identificação da documentação e a sua reprodução em formato digital são cruciais, ainda que, por vezes, sejam marcadas pela ausência de critérios e de instrumentos de apoio à pesquisa que tornem clara a constituição do núcleo documental disponibilizado e a cobertura do produto digital dado à consulta. Significa isto que nem sempre é possível saber se estamos a aceder à totalidade do fundo e/ou da coleção pretendida ou apenas a uma parte desses mesmos acervos. O desconhecimento da organização dos fundos e coleções e da estrutura administrativa dos arquivos, numa perspetiva metodológica, limitam o desenvolvimento de uma correta investigação de cunho histórico. Em sentido positivo, há instituições que nas suas páginas web fornecem informação que ajuda a preparar a visita às suas instalações. Deste modo, facilitam a correta identificação dos documentos e a sua inserção nas realidades em estudo.

As informações documentais recolhidas nestas bases de dados não formam em si mesmas um universo documental de investigação; ou seja, nelas não se encontra o conjunto de informações potenciais que podem oferecer os fundos de um arquivo histórico. Encontramo-nos, por norma, frente a uma seleção de documentos, provenientes de fundos, coleções e séries, que, neste momento, representam apenas uma parte da documentação que integra os depósitos dos nossos arquivos. Em Portugal, por exemplo, a pesquisa documental transversal a vários arquivos em simultâneo, através de bases de dados integradas e comuns a várias instituições, ainda não

existe. Uma procura num catálogo *online* deve entender-se apenas como um ponto de partida para o trabalho e raramente dispensa a ida ao arquivo, tendo em conta que há documentos escritos que não são passíveis de leitura *online*. Não obstante estas circunstâncias, o investimento crescente na digitalização da documentação e de imagens de cunho histórico é muito positivo e é também um meio para a sua preservação e uma garantia da sua disseminação.

Com limitações ainda maiores deve salientar-se o difícil acesso ao trabalho feito por grupos de investigação, nomeadamente, aos projetos científicos que se encontram em desenvolvimento ou aos já concluídos, desde a sua identificação aos conteúdos produzidos no seu âmbito, que acabam por se encontrar dispersos por variadíssimos trabalhos e ser parcialmente disponibilizados. Os projetos nem sempre têm uma visibilidade satisfatória que potencie o seu contributo para o aumento do conhecimento, mesmo que o intercâmbio de conhecimento seja um objetivo perseguido pela comunidade académica. Por outro lado, a reutilização de dados, domínio que não tem tido progressos de maior, é uma questão muito mais controversa e de difícil operacionalização.

Outro domínio promissor é o das representações ou reconstituições digitais. Gradualmente, o repositório do que podemos considerar os cripto-monumentos, escondidos no tempo, ou invisíveis do ponto de vista material, torna-se cada vez mais alargado e enriquecido com o recurso a formatos multimédia. A nossa capacidade de (re)criar fontes históricas vai proporcionando a descoberta de objetos inéditos. As reconstituições 3D de património histórico transportam o observador, seja ele um perito ou um leigo nestas áreas do conhecimento, para a esfera da realidade aumentada. A partir deste tipo de representações muito pode mudar.

A este nível, as humanidades digitais permitem-nos ver o que de outro modo não veríamos. A oferta distribui-se entre a recomposição de partes de coleções e fundos documentais fisicamente dispersos e exposições virtuais de espólios arquitetónicos e de artefactos variados, que através de reconstituições 3D recuperam a sua existência. Estes modelos são essenciais e respondem a interesses muito diferenciados. Por um lado, são importantes para os especialistas do património e da história, os quais a partir daqui colocam questões renovadoras e impulsionadoras de conhecimento novo, encorajam outros investigadores a desenvolver a capacidade de fazer perguntas e contribuem para reforçar o potencial das abordagens comparadas. Por outro lado, são igualmente indispensáveis para um público mais indiferenciado, isto é, para a sociedade civil em geral, que através destes produtos, quase sempre reforçados por narrativas envolventes, e oferecidos em centros interpretativos, em instituições culturais, e na própria televisão ou na internet, recebe um estímulo ao desenvolvimento de uma representação de ausências que promove um maior alcance sobre o passado imaginado. As reconstituições 3D e os formatos multimédia, conotados com uma vertente da comunicação de ciência, tão em voga no mundo atual, assentam em



contributos multidisciplinares que são condição *sine qua non* para a inovação e a criatividade e para o futuro destas áreas, por tudo aquilo que representam ao nível da criação de interesse em seu torno. No entanto, a abordagem performativa do passado, em que muitas vezes a história aparece como um espetáculo marcado pela verosimilhança (e nem sempre pela verdade, o que é uma outra questão) com o que terá ocorrido no tempo passado e eivada de emoções, que atraem os observadores, pode constituir um elemento de encobrimento da história ciência, de cunho mais erudito, baseada em sólidos procedimentos de investigação documental e material, e dos quais não poderemos abdicar. Estas duas vertentes não têm, porém, de ser incompatíveis entre si. Antes pelo contrário.

De um ponto de vista geral, a história começou por ser um exercício de cunho narrativo e literário produzido e consumido por determinadas elites, sobretudo cortesãs, alcançando depois o estatuto de uma ciência assente na implementação de procedimentos rigorosos advindos de um método e de uma erudição que a consolidavam como um discurso que se pretendia afirmar pela objetividade. Esgotada a validade destes tipos de abordagem, na atualidade, a história não pode prescindir da técnica e da tecnologia para se poder afirmar através de produtos criativos que deem lugar a todos os atores da história e os procurem restituir aos ambientes em que viveram; uma história que cativa mais pessoas e que tenha significado mesmo para aqueles para quem o passado não tem nada de evidente e só é colocado a descoberto com a intervenção do historiador e de outros especialistas no passado. Este esforço é encarado de formas muito diversas. No limite, e com o rótulo de *citizen science*<sup>7</sup>, pressupõe o envolvimento alargado da sociedade civil no trabalho de arquivo, sob a forma de voluntariado e feito com a supervisão de especialistas, opção esta que procura dinamizar a investigação e granjear o interesse pela preservação do património material e imaterial.

As novas tecnologias proporcionam a diversificação dos recursos, potenciam o tratamento de dados e fomentam novas formas de erudição. Mostra a experiência que as humanidades digitais impulsionam a investigação e induzem condições de desenvolvimento mais acelerado ao nível da produção de conhecimento nestas áreas do saber; e, sobretudo, da sua transformação e adaptação tendo em vista o seu consumo por públicos não especializados. Neste contexto, a comunicação de ciência, em geral, e de história, em particular, são cada vez mais exigentes e encaradas com grande atenção. A diversidade de públicos é inquestionável e implica um desafio muito sério, pois estimula a adaptação do historiador aos seus interlocutores e já não apenas aos seus leitores num sentido mais passivo, erudito e monodisciplinar do termo. Hoje em dia, os resultados do trabalho do historiador vão para além dos canais mais convencionais do texto escrito, de perfil académico, e mesmo da sua

---

<sup>7</sup> RIESCH, Hauke; POTTER, Clive (2013). Citizen science as seen by scientists: Methodological, epistemological and ethical dimensions. *Public Understanding of Science*, v. 23, n.1, p. 107-120.

divulgação *online*. A produção de novos conteúdos é sinal disto mesmo, assim como o aumento das plataformas que servem também esse propósito. A análise da receção ou da aceitação do trabalho dos historiadores torna-se, deste modo, um exercício com sentido e que pode ser um suporte à definição de estratégias de promoção da história. Espera-se que estes desafios tragam inovação e gerem maior atratividade em torno desta área das humanidades.

Os benefícios sociais e cívicos que emergem das humanidades digitais têm impacto no aumento da visibilidade desta área do conhecimento, no reforço do interesse pelos bens culturais de matriz histórica, na conservação do património, na afirmação do turismo cultural, na promoção da tolerância e da respeitabilidade por estes bens e também na diversificação das atividades profissionais ligadas a estas áreas. As humanidades digitais podem estar na base da criação de empregos diferentes que pressupõem o envolvimento do historiador. É expectável que estas circunstâncias ajudem a atrair *stakeholders* e a promover a valorização da utilidade do trabalho do historiador, tanto numa perspetiva mais monodisciplinar (sobretudo ao nível da base da investigação), como numa ótica de participação em equipas multidisciplinares (ao nível da criação de produtos de disseminação da história). Neste contexto, adquire destaque o desenvolvimento de conteúdos em sintonia com a tão falada digitalização da sociedade, domínio em que se espera que o historiador continue a assegurar um lugar na esfera científica e erudita (numa aceção tradicional do termo), mas que conquiste igualmente um lugar no horizonte social e seja reconhecido pelo serviço que presta à sociedade e pelo contributo que dá para o seu desenvolvimento pleno. O conceito de *public humanities* sintetiza esta problemática<sup>8</sup>.

Os desafios académicos e epistemológicos inerentes a estas transformações são enormes e o debate mostra-se interessante<sup>9</sup>. A docência, e em particular a de nível universitário, não pode ficar à margem destes desafios: quer enquanto espaço privilegiado de identificação e uso efetivo de recursos digitais de suporte à prossecução da investigação e do estudo, quer enquanto espaço de discussão em torno destes tópicos de grande atualidade e que devem suscitar amplos debates no domínio teórico e reflexão sobre o seu impacto na futura atividade profissional dos estudantes. Como é sabido, a sociedade do conhecimento de que fazemos parte assenta na investigação científica e na inovação social que ela gera. Atentas a esta situação, diversas universidades de prestígio reconhecido, como, por exemplo, Harvard, Yale e Princeton, incorporam nos seus planos de formação e de investigação estas questões, conferindo-lhes uma notável aplicação prática.

---

<sup>8</sup> Sobre a discussão deste conceito encontram-se contributos sugestivos em: HSU, Wendy F. (2016). Co-Working with the Public: Lessons on Public Humanities from the Civic Sphere. In: GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press, p. 280-287; SMULYAN, Susan (ed.) (2020) – *Doing Public Humanities*. Routledge.

<sup>9</sup> A título de exemplo, consulte-se a obra GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.) (2016). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press.



Os desafios colocados pelas humanidades digitais são muitos e entre eles coloca-se o necessário desenvolvimento de um pensamento consistente sobre esta matéria. No atual estado de valorização do digital em geral afigura-se crucial o desenvolvimento da consciência crítica em relação às humanidades digitais, enquanto potenciais criadoras de novos objetos de estudo e de conteúdos históricos, enquanto plataformas de divulgação, mas ainda enquanto favorecedoras de novos paradigmas ou tendências historiográficas<sup>10</sup>.

A pressão dos públicos e a busca pela divulgação de resultados forçadamente adaptados e por vezes simplistas, exatamente porque se pretendem atrativos, não podem ser fatores de deturpação da investigação e dos seus resultados, nem fatores ameaçadores da profundidade típica da interpretação em história. Nesta perspetiva, impõe-se um foco de atenção na discussão sobre a dimensão intelectual deste problema e uma reflexão crítica face às humanidades digitais que se reduzem a uma trajetória pressionada e acelerada pela ambição generalizada de digitalização e que pode revelar caminhos inesperados<sup>11</sup>. A chamada investigação pura e dura é incontornável como etapa prévia e sempre imprescindível à produção de conteúdos digitais de qualidade. Espera-nos, deste modo, um esforço de conciliação inevitável, em que os requisitos de uma mais ampla multidisciplinaridade são cada vez mais colocados ao historiador. A promoção da interseção da ciência, da tecnologia, da arte e da comunicação na definição dos temas a abordar e na elaboração da história está cada vez mais presente na atividade do historiador.

Por todas estas circunstâncias, as humanidades digitais fazem parte integrante da vida académica. As oportunidades geradas pela exposição aos recursos digitais são muito amplas. Domínios e questões como a internacionalização e a comparação, compromissos tantas vezes adiados ao longo das últimas décadas, conhecem concretizações sucessivas. O crescente acesso aberto às fontes poderá dar lugar à exploração da história comparada ou estimular o trabalho sobre objetos de estudo com origem noutros enquadramentos nacionais (é aceite que os Portugueses têm trabalhado muitíssimo pouco temas de fora de Portugal<sup>12</sup>). A par destas vertentes, a interdisciplinaridade, exercitada já não apenas entre pares das ciências humanas e sociais, mas estendida também aos peritos de outras áreas científicas e, nomeadamente aos das tecnologias, dará lugar a uma heurística e a uma hermenêutica renovadas e a concretizações marcadas pela inovação. Os paradigmas historiográficos vão acusando estes desafios. Oscilamos entre o aprofundamento e a exploração exaustiva das fontes

---

<sup>10</sup> BERRY, David Michael; FAGERJORD, Anders (2017). *Digital Humanities: Knowledge and Critique in a Digital Age*. London: Polity.

<sup>11</sup> POSNER, Miriam (2016). What's Next: The Radical, Unrealized Potential of Digital Humanities. In: GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press, p. 32-40.

<sup>12</sup> MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; BRANCO, Maria João (ed.) (2011). *The Historiography of Medieval Portugal, c. 1950-c.2010: A collective book and a collaborative project*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.

primárias, a releitura de documentos e de bibliografia, a desconstrução da história e a formulação de múltiplas hipóteses de novas composições que reconstruam (ou, pelo menos, simulem) a realidade em estudo, abordagens, por vezes, reforçadas pelo poder da narrativa e da imagem, com o propósito de ampliar o leque das temáticas a explorar e de alcançar a inteligibilidade sobre a complexidade do passado. O mundo universitário e as entidades ligadas à comunicação de ciência e à produção de conteúdos multimédia de base histórica procuram, embora nem sempre em sintonia, desenvolver a capacidade de captação de interesse pelo passado.

Numa aceção ampla, as humanidades digitais, materializadas no recurso às plataformas de divulgação, são um estímulo à produção do conhecimento dirigido não apenas à academia, mas também a públicos diversos, favorecendo a valorização das humanidades junto da sociedade civil, o que suscita a colocação de uma questão final: as humanidades digitais serão uma das tábuas de salvação para as humanidades? Com certeza que sim, pois contribuem para a sua modernização e visibilidade e ajudam a desenvolver a difícil relação entre ciência e sociedade, mas não são a resolução da chamada crise da história, fortemente instalada desde a segunda metade do séc. XX, nem a panaceia para todos os males que atingem estas áreas de estudo<sup>13</sup>.

Tendo por base a afirmação do digital e o amplo domínio das humanidades digitais, a unidade curricular de Recursos para o Estudo da Idade Média do Mestrado em Estudos Medievais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto procura envolver os estudantes na reflexão sobre a importância dos recursos digitais como condição de investigação e de produção de conhecimento. Os estudantes são treinados a desenvolver competências para conseguir aceder de forma eficiente a recursos de qualidade reconhecida pelos meios académicos e são estimulados a trabalhar com base na pluralidade das fontes de informação e a lograr a sua complementaridade. Investigar, organizar dados, analisar, interpretar e divulgar resultados são as etapas cruciais do trabalho do medievalista desde longa data. No quadro das humanidades digitais, todas estas etapas são enriquecidas pela abertura de uma multiplicidade de hipóteses de trabalho e de comunicação com públicos diversos. As humanidades digitais são um campo em expansão, cada vez mais presente no trabalho do medievalista e, como tal, requerem a preparação dos estudantes também para estas questões.

---

<sup>13</sup> ADEMA, Janneke; HALL, Gary (2016). Posthumanities: The dark side of the dark side of the digital. *Disrupting the Humanities: Towards Posthumanities. The Journal of Electronic Publishing*, v. 19, n. 2. <https://doi.org/10.3998/3336451.0019.201>

## Referências

- ADEMA, Janneke; HALL, Gary (2016). Posthumanities: The Dark Side of The Dark Side of the Digital. *Disrupting the Humanities: Towards Posthumanities. The Journal of Electronic Publishing*, vol. 19, Issue 2. <https://doi.org/10.3998/3336451.0019.201>
- BERRY, David Michael; FAGERJORD, Anders (2017). *Digital Humanities: Knowledge and Critique in a Digital Age*. London: Polity.
- DOUEIHI, Milad (2012). *Pour un humanisme numérique*, Publinet. ISBN: 978-2-8145-0641-1.
- FERNÁNDEZ IZQUIERDO, Francisco (2006). Investigar, escribir y enseñar historia en la era de Internet. Presentación. *Hispania*. Revista Española de Historia, vol. LXVI, nº 222, enero-abril, p. 11-30.
- GARDINER, Eileen; MUSTO, Ronald G. (2015). *The Digital Humanities: A Primer for Students and Scholars*. Cambridge: Cambridge University Press. ISBN 978-1-107-01319-3.
- GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.) (2016). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press.
- HSU, Wendy F. (2016). Co-Working with the Public: Lessons on Public Humanities from the Civic Sphere. In: GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press, p. 280-287.
- Journal of the Association for History and Computing, 1998-2010. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/j/jahc/>
- Le Médiéviste et L'ordinateur, 1979-2003. Disponível em: <https://www.persee.fr/collection/medio/>.
- MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; BRANCO, Maria João (ed.) (2011). *The Historiography of Medieval Portugal, c. 1950-c.2010: a collective book and a collaborative project*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.
- MINUTI, Rolando (2001). Internet e il mestiere di storico. Riflessioni sulle incertezze di una mutazione. *Cromohs*, 6, p. 1-75.
- POSNER, Miriam (2016). What's Next: The Radical, Unrealized Potential of Digital Humanities. In: GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. (ed.). *Debates in the Digital Humanities*. University of Minnesota Press, p. 32-40.
- RIESCH, Hauke; POTTER, Clive (2013). Citizen science as seen by scientists: Methodological, epistemological and ethical dimensions. *Public Understanding of Science*, vol. 23, issue 1, p. 107-120. <https://doi.org/10.1177/0963662513497324>
- SMULYAN, Susan (ed.) (2020). *Doing Public Humanities*. Routledge.